

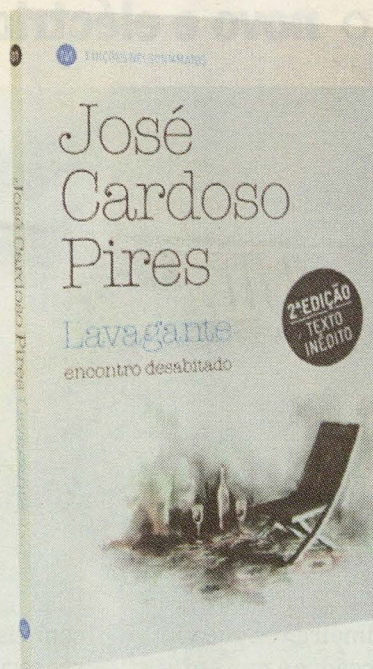
Sol, 1.3.08

Um encontro inédito

Filipa Melo

QUASE dez anos passados sobre a sua morte (a 26 de Outubro de 1998, por acidente vascular cerebral), José Cardoso Pires reserva-nos uma surpresa. **Lavagante: Encontro Desabitado** é uma curta narrativa inédita que marca a estreia da chancela Edições Nelson de Matos. E a revelação deste texto, trabalhado talvez entre 1963 e 1968 e deixado em versão final dactilografada, é como uma dessas risadas pequenas que Cardoso Pires soltava de repente no meio dos solavancos de uma conversa, a voz cava, o pestanejar dos olhos a acompanhar o movimento largo dos braços.

De **Os Caminheiros e Outros Contos**, a estreia em 1949, ao livro de crónicas **Lisboa, Livro de Bordo**, de 1997, passando por obras maiores como **O Hóspede de Job**, **A Balada da Praia dos Cães**, **O Delfim** ou **Alexandra Alpha**, José Cardoso Pires (nascido em 1925) é em definitivo um dos nomes mais importantes da literatura portuguesa do século XX. Como referiu o ensaísta Óscar Lopes, é-o pela rejeição do sentimentalismo que marcou o neo-realismo tradicional e pela adesão às técnicas do conto norte-americano.



Também pelo que é evidente neste **Lavagante**: a construção da narrativa como uma rede de pequenos traços, testemunhos, detalhes que se problematizam entre si e formam, no final, um quadro reflexo de uma determinada realidade histórica e social.

O narrador fala do médico Daniel Lobo, o «amigo dos anos promissores de 1944-

-45», e de como numa esplanada de praia este lhe confidenciou a história de amor que viveu com Cecília. Uma história de paixão, perseguição, sacrifício e engano. **Lavagante** teve uma primeira versão, muito reduzida, publicada na revista *O Tempo e o Modo* em 1963. O autor anunciava então que aquela seria a base para um capítulo de um próximo romance. Minucioso, incansável nas emendas, José Cardoso Pires maturou depois o texto, provavelmente até à edição de **O Delfim**, em 1968.

O enredo serve uma abordagem à censura, às movimentações estudantis, às perseguições e prisões políticas do início da década de 60. Encontramo-las também em **Dinossauro Excelentíssimo** (de 1972), depois o retrato da ressaca em **E Agora, José?** (de 1977). Como memória, **Lavagante** é «um eco a esfumar as palavras, uma ironia que nos contempla de longe», como «uma mão na noite a acenar, uma mão viciada como um trapo a assinalar ruínas».

Lavagante

José Cardoso Pires

Edições Nelson de Matos

91 páginas, €10